


João Carlos Saldanha



O começo da regeneração

1851

Viva a Rainha e a Carta. Abaixo o Ministério!
(Saldanha, em Abril de 1851)

A revolução do duque de Saldanha pôde destruir o que existia, mas ele não é capaz de organizar: criou finalmente uma posição, de que não sabe tirar partido para bem do país
(Lavradio)

A revolução não se operou senão moralmente; foi uma revolução de assentimento...
(Alexandre Herculano)

● **Feiras, classes laboriosas e positivismo** – No ano da *world's fair* de Londres, quando a cidade se mostra uma espécie de *oficina do mundo*, Augusto Comte começa a publicar o *Système de Politique Positive* (1851-1854), funda-se a agência Reuters e realiza-se em Londres a *World's fair*, iniciando-se a era das grandes feiras e exposições internacionais. Surge a primeira prensa rotativa para a imprensa e em Portugal aparecem as primeiras charruas de ferro. Funda-se uma *Sociedade de Instrução dos Operários* e, em 5 de Maio, cria-se o *Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas*, no sentido da protecção dos chamados operários que vão emergindo depois de alguns tímidos sinais de industrialização e urbanização. O centro, promovido pela Confederação Maçónica Portuguesa vai ter como presidente o próprio grão-mestre da ordem, então António Rodrigues Sampaio, até 1863. Joaquim Félix Henriques Nogueira lança *Estudos sobre a Reforma em Portugal*, enquanto Alexandre Herculano edita *Lendas e Narrativas*, textos inicialmente publicados na revista *Panorama* em 1839 e 1844. Por seu lado, António Augusto Soares dos Passos lança *O Novo Trovador*, órgão do ultra-romantismo, onde vai destacar-se João de Lemos, um dos mais activos conspiradores miguelistas de 1846-1847. Destaque também para Isidoro Francisco Guimarães, nomeado governador de Macau, posto onde vai permanecer até 1863, garantindo boas relações de Portugal com a China e o Japão. Entretanto, Mazzini faz uma visita secreta a Lisboa, voltando a dar estímulo às organizações carbonárias, ressurgidas em 1848. José Joaquim Januário Lapa é nomeado governador da Índia e D. Francisco de Almeida, 2º conde do Lavradio, embaixador em Londres (1851-1869). Em 21 de Dezembro, um plebiscito em França aprova a instauração do Império, enquanto Victor Hugo, em 17 de Julho, criticando este modelo, clama pela criação de uns Estados Unidos da Europa. Em Itália, Vincenzo Gioberti publica *Rinnovamento Civile d'Italia*, onde defende um modelo de unidade federativa dos Estados italianos, sob a presidência do Papa, e Pasquale Mancini (1817-1889), em *Della Nazionalità come Fondamento del Diritto delle Genti*, teoriza a consciência nacional.

- **Nova lei eleitoral** (29 de Janeiro). conjunto de lojas liderado por João Rebelo
- **Maçonaria cabralista** – Do grupo da Costa Cabral que cria um *Grande* cabralista de José Bernardo, destaca-se um

Capítulo Central da Maçonaria Lusitana (Janeiro).

●**Escândalo do Alfeite.** Acusa-se a casa real de ter arrendado uma propriedade no Alfeite a Costa Cabral por 99 anos com renda irrisória (Janeiro).

●**Desencadeia-se a conspiração de Saldanha,** quando o marechal sai de Lisboa com os caçadores 1, comandados por Joaquim Bento, futuro barão do Rio Zêzere. Não tem, contudo, o apoio dos regimentos de Sintra e de Mafra. Aliás, muitos consideram que a movimentação não passa de mera desforra do marechal contra os antigos aliados cabralistas. Apenas consegue algum sucesso em Leiria. Mas, no seu primeiro impulso, o movimento acaba por não resultar e Saldanha tem que retirar-se para a Galiza (7 de Abril). Em 4 de Março, o conde das Antas anunciara a Saldanha que estava agendada uma revolução para 20 de Maio.

●**Manobras palacianas** O visconde de Algés é convidado a formar governo. Rodrigo da Fonseca é chamado ao paço. Visconde de Castro transforma-se no *grande agente da conspiração*, com Franzini, Lourenço José Moniz e Castelões (27 de Abril).

●**Telegrama vindo do Porto** diz que Saldanha não embainhará a espada se surgir o *Ministério tirado das maiorias das Câmaras* (27 de Abril).

●**O movimento está vitorioso no Porto,** no seguimento de uma revolta dinamizada pelos setembristas, como os irmãos Passos, José Vitorino Damásio, Salvador da França e Faria Guimarães e com o apoio militar do 18 de infantaria. Vão buscar Saldanha a Lobios, na Galiza (29 de Abril). As tropas governamentais, sob o comando de D. Fernando chegam a Coimbra, mas perante a atitude dos estudantes, que põem uma tranca na ponte, ficam titubeantes (29 de Abril).

●**Saldanha desce para Coimbra,** onde tem o apoio de Pereira de Carvalho, Joaquim Martins de Carvalho e José de Moraes que lhe pedem a demissão do governo. Declara ser apenas chefe do exército, mas acaba por escrever à rainha pedindo a demissão de Costa Cabral. Quando a notícia corre, as tropas governamentais começam a passar para o lado dos revoltosos. O marechal, em circular dirigida aos governadores civis, diz querer acabar com o *funesto sistema de*

patronato e fala num *grito nacional* (29 de Abril).

●**Costa Cabral embarca para Vigo** e trata de reocupar o posto de embaixador em Madrid (29 de Abril).

●**Entre Rodrigo e Herculano** – Rodrigo da Fonseca consegue o apoio da embaixada britânica e pede a Saldanha que deixe a tropa que o apoiou no Porto, entrando sozinho na capital, como simples particular. Herculano, por seu lado, defende que o duque traga os regimentos e entre em Lisboa por terra à frente da tropa. Saldanha prefere uma terceira via: desembarca sozinho no cais da Pampulha e vai ao Paço, mas, no dia 15 de Maio já faz uma parada da vitória, à frente do exército. O novo saldanhismo não passa de uma simples *coligação negativa*.

●**Entre cartistas moderados e setembristas** – *O movimento resultou...de uma coligação de setembristas e de cartistas moderados que viam em Costa Cabral um empecilho pelas reacções que suscitava* (António José Saraiva).

●**Governo nº 22 de Saldanha** (desde 1 de Maio, 1864 dias). Tem sucessivas recomposições em 17, 22 de Maio, 7 de Julho, de 1851, 4 de Março, 17, 30 de Agosto, de 1852 e 3 de Setembro de 1853.

●Em 22 de Maio, concluído o processo de formação do gabinete, com Saldanha na presidência e na guerra. Coronel José Ferreira Pestana no reino (Herculano, recusa a pasta). Joaquim Filipe de Soure nos negócios eclesiásticos e justiça. Miguel Marino Franzini, na fazenda, representando os cartistas dissidentes do cabralismo. Loulé na marinha, em nome dos setembristas moderados, da Confederação Maçónica Portuguesa.

●Ditadura de 1 de Maio de 1851 a 31 de Dezembro de 1852. De 22 de Maio de 1851 a 6 de Junho de 1856, o único ministro constante, embora varie de pasta, é António Aloísio Jervis de Atouguia. Ministro dos estrangeiros até 4 de Maio de 1852 e da marinha, desta data a 6 de Junho de 1856. Volta aos estrangeiros em 19 de Agosto de 1852. A partir de 7 de Julho de 1851, acrescem Fontes Pereira de Melo (1819-1887) e Rodrigo da Fonseca, também com algumas mudanças de ministério. Fontes começa na marinha, transita para a fazenda e acumula esta com as obras públicas. Rodrigo

da Fonseca começa no reino e acumula a justiça, de 7 de Julho de 1851 a 4 de Março de 1852 e de 19 de Agosto de 1852 a 3 de Setembro de 1853. Atouguia domina nos estrangeiros, embora também acumule com a marinha.

● Em 1 de Maio: Saldanha, que está no Porto, acumula a presidência e o reino (só assume a pasta em 17 de Maio; até então ficou interino o barão da Senhora da Luz); Fernando Mesquita e Sola, 1º barão de Francos, na guerra e na marinha; Marino Franzini nos negócios eclesiásticos e justiça e na fazenda; Barão da Senhora da Luz nos estrangeiros (até 22 de Maio) e no reino (até 17 de Maio).

● Em 17 de Maio: Saldanha acumula o reino, a guerra e os negócios eclesiásticos e justiça; Barão da Senhora da Luz acumula a marinha.

● Em 22 de Maio: Saldanha continua na presidência e na guerra; José Ferreira Pestana no reino, depois de Herculano recusar a pasta, até 7 de Julho de 1851; Joaquim Filipe de Soure na justiça, até 7 de Julho de 1851; Miguel Marino Franzini, na fazenda; Loulé na marinha, até 7 de Julho de 1851; Jervis de Atouguia nos estrangeiros.

● **Maçonaria não cabralista** – Em Maio, os restos da Maçonaria do Norte integram-se na Confederação Maçónica Portuguesa. Em 12 de Junho, o conde de Antas, Francisco Xavier da Silva Pereira, é eleito grão-mestre da Confederação Maçónica Portuguesa, sucedendo a João Gualberto Pina Cabral. Antas morre em 20 de Maio de 1852, sucedendo-lhe Loulé, substituído interinamente por Rodrigues Sampaio (1852-1853).

● **Recuar para melhor saltar** – Desde 15 de Maio que *todos recuam pour mieux sauter...* Saldanha *vira-se para todos os partidos, mas não satisfaz, e todos estão convencidos da sua incapacidade* (Lavrado).

● **Decreto eleitoral**, com alargamento do sufrágio. Instituído o sufrágio capacitário (20 de Junho). Mantendo-se o regime do sufrágio indirecto e censitário da Carta, excepcionam-se os possuidores de graus e títulos científicos e atribui-se capacidade eleitoral activa aos chefes de família que possuíssem meios de subsistência (20 de Junho). O diploma resulta do labor de uma comissão de que fazem parte Alexandre Herculano, Fontes Pereira de Melo, José Estevão, António Rodrigues Sampaio, Almeida

Garrett, Rebelo da Silva e Rodrigo da Fonseca.

● **Rodrigo e Fontes no governo** Na primeira grande remodelação, desaparece o anterior equilíbrio do gabinete. Silva Carvalho critica a acção de Fontes e Rodrigo. Acusa-os de fazerem coro com os *patuleias* e declara que o partido cartista os desampara. Diz mesmo que se trata de um governo de *loucos comunistas e socialistas*. Contudo, Saldanha, entalado entre os *patuleias* e os *cartistas*, apenas optava pelo centrismo, bem manipulado por Rodrigo que ia invocando o fantasma do radicalismo de Leonel Tavares Cabral.

● Em 7 de Julho: António Maria Fontes Pereira de Melo (1819-1887) na pasta da marinha. Rodrigo da Fonseca no reino e na justiça.

● Saem os setembristas amigos de Herculano, principalmente Ferreira Pestana que tinha a intenção de afastar da burocracia os principais agentes de Costa Cabral.

● **O rábula e o janota** – *Chegara o dia da vitória, do cepticismo antigo, e do utilitarismo moderno. Rodrigo e Fontes, um velho e um moço, duas faces de um só pensamento, mestre e discípulo, o antigo letrado “rábula” e o novo engenheiro hábil, janota e prático, são as figuras eminentes da definitiva regeneração* (Oliveira Martins).

● **Orgia da reacção** – Novo decreto eleitoral. Estabelece como censo mínimo para os chefes de família metade do dos restantes eleitores. Herculano considera o diploma como *a primeira orgia da reacção quando dois terços dos portugueses foram declarados ilotas* (2 de Julho). Herculano, que aconselhara Saldanha, abandona o marechal, encantado com as saudações das plateias nos teatros de Lisboa, onde alguns o aclamam como *D. João VII*. Diz-se que *seria um bom rei num Estado pequeno*.

● **Anti-rodriguistas organizam-se** – Em 23 de Julho Alexandre Herculano lança o jornal *O Paiz*, para onde mobiliza a ala anti-rodriguista da Regeneração, como Andrade Corvo, Marquês de Niza, Bulhão Pato, Pinto Carneiro, Ernesto Biester e António de Serpa Pimentel. Une-os a memória do programa de Mouzinho da Silveira, *pela verdade do sistema representativo* (6 de Agosto). Começa a ser difícil a tarefa de Saldanha *conquistar um grupo de homens, mais*

pensadores de que políticos, liberais sem serem democratas, cartistas sem serem cabralistas (Oliveira Martins). Porque, *o Partido Progressista, ou na frase do vulgo patuleia, não é nenhuma das antigas parcialidades, nem a transformação de alguma delas. Compõe-se de elementos heterogêneos no passado; mas que se tornaram homogêneos* (Alexandre



Herculano).

● **Mudança na pasta da fazenda** – Em 5 de Agosto: António Fernandes da Silva Ferrão² na pasta da fazenda (até 21 de Agosto).

● **A procura do empréstimo e os fumos da corrupção** Franzini

já não tem meios para fazer face às despesas no mês de Agosto. Pede que se contraia um empréstimo, mas Fontes vota contra. Ferrão é apoiado pelos contratadores do tabaco e pela Companhia das Obras Públicas. Começa a falar-se em corrupção, parecida com a de Costa Cabral.

● **Fontes na fazenda** – Interino até 4 de Março de 1852 (21 de Agosto). Pretende *dar um golpe na agiotagem, satisfazer pontualmente as despesas públicas e promover o barateamento dos capitais*.

● **Conselho Ultramarino** – Recriado o velho Conselho Ultramarino (23 de Setembro).

● **Contra o país nominal da empregadagem** – Herculano, em *O Paiz* clama contra *o país nominal inventado nas secretarias, nos quartéis, nos clubes, nos jornais, e constituído pelas diversas camadas do funcionalismo que é e do funcionalismo que quer e há-de ser* (15 de Setembro).

● **Ordem e progresso** – Luís António Rebelo da Silva emite uma carta-circular como secretário do centro eleitoral de apoio à situação: *sendo conveniente consolidar a situação actual, cooperando sinceramente os amigos da ordem, de progresso sensato e da Monarquia Constitucional, para ela não engane as esperanças do país, por falta de oportuna direcção, diversas pessoas, zelosas do bem público e dedicadas aos princípios de justo melhoramento, entenderam que não se devia demorar mais tempo a organização*

de um centro eleitoral que dê garantias às liberdades declaradas na Carta, não as sacrificando, todavia, às inovações de uma fatal exaltação.

● **Por uma vez, eleições livres** – *O movimento empreendido pelo duque de Saldanha...tinha por fim libertar a nação de uma facção odiosa que a dominava, reformar a Carta nos artigos que se julgavam dever ser alterados, e dar-nos por uma vez eleições livres* (Alexandre Herculano, em *O Paiz*, de 11 de Setembro).

Regeneradores progressistas (78%)	
158 dep.	Cons. Cabr. 34 dep. (22%)

● **Eleição nº 12** (2 e 16 de Novembro). Vitória dos governamentais, ditos *regeneradores históricos*, incluindo setembristas (78%), que ainda se qualificam como *progressistas*, uma pastelaria que ia de Leonel Tavares Cabral a Casal Ribeiro, passando por Passos José, Rodrigues Sampaio e José Estêvão, onde Rodrigo da Fonseca refinava a receita multipartidária de 1835.

● **Oposição de cabralistas**, ditos *conservadores* (34 deputados). *O grupo vencedor em 1842 continuou a chamar-se cartista, e todavia o cartismo tinha sido renegado e blasfemado no princípio que constituía a sua essência* (Alexandre Herculano). Os situacionistas são dominados pelo estilo de Rodrigo da Fonseca e de Fontes. Os oposicionistas, de marca cabralista, dizem-se *cartistas*. Entre estes (22%): António José de Ávila, Correia Caldeira, Lopes de Vasconcelos, Lobo de Moura e António da Cunha Sottomayor.

● Na Câmara dos Pares, a oposição, também marcadamente cabralista, conta com o duque da Terceira, o barão de Porto de Mós, Laborim, Granja e Algés. Se o antigo cabralista visconde de Castro se passa para o novo situacionismo regenerador, já José da Silva Carvalho, antigo aliado de Fontes e de

Rodrigo, não alinha com os chamados cartistas.

● **Desaparece a oposição** – Segundo Fronteira, um dos principais braços apoiantes do cabralismo, referindo o caso de Lisboa, *no dia da batalha desapareceu a numerosa oposição, abandonando completamente a urna, receando uns perder os lugares, temendo outros perder a cabeça, porque os regeneradores históricos estão reunidos e onde estão os históricos há sempre, com razão, receio de pedrada.* Acrescenta, contudo, que *as notícias eleitorais das províncias não foram tão más como na capital. A oposição venceu em muitas partes e muitos cartistas foram eleitos, entre eles o Conselheiro Ávila, Correia Caldeira, Lopes de Vasconcelos, Lobo de Moura e outros.*

● **D. Miguel**, no exílio, casa com a princesa D. Adelaide Sofia de Lowestein.

Agostinho, José (III): 196 ss.; Bonifácio, Maria de Fátima (*Ascensão...*): 226 ss.; Chagas, Manuel Pinheiro/ Colen, Barbosa (XI): 239-242, 472-473, 539-545, 550-552, 596, 598; Chagas, Manuel Pinheiro/ Gomes, Marques (XII): 79-81; Colen, Barbosa (*Entre duas...*, I): 8, 9, 10; (II): 355-360; Fronteira (VII): 264-266, 435, 437; Herculano, Alexandre (1873/1983, I): 161, 167, 287, 307; Lavradio (III): 300, 303, 307, 308, 310 ss., 321, 323 ss., 324, 353, 357, 366, 371; (IV): 13; Marques (1997,III): 287, 445; Martins, Oliveira (1881, II): 215, 219-226, 230, 235, 236; Peres, Damião (VII): 331, 332; Santos, António Ribeiro dos (1990): 171, 172, 173; Sardica, José Miguel (2001): 122 ss, 160.; Serrão, Joaquim Veríssimo (IX): 19, 20 ss..

☞ Da esquerda

Regeneradores históricos

- Os governamentais designam-se como *regeneradores históricos*, dado que, conforme expressão de José da Silva Carvalho, que também não alinha com a oposição cabralista, *ainda fazem coro com a Patuleia*.
- O novo situacionismo liga antigos ordeiros (Atouguia), cartistas dissidentes do cabralismo (Franzini) e setembristas moderados, ditos históricos (Loulé). O primeiro equilíbrio é alterado em 7 de Julho, quando começa a pontificar o estilo de Rodrigo e de Fontes.
- O ponto de ruptura do situacionismo é, mais uma vez, o decreto eleitoral. Se o primeiro de 20 de Junho, alarga o sufrágio, e conta com forte oposição dos próprios militares afectos ao cartismo, já o segundo, de 26 de Julho, ao aumentar o censo, é considerado por Alexandre Herculano, uma *orgia da reacção*.
- Segundo Lavradio, Rodrigo *procura debalde o "juste milieu" e parece-me desanimado*. Enquanto isto, *o Marechal não sabe o que quer; os outros Ministros vão durando; Franzini, consumido por falta de dinheiro*.
- Segundo Lavradio: *o duque de Saldanha, só, cheio da sua glória, um dia quer proteger os setembristas, outro dia é o homem da moderação, no outro o da espada e quer levar tudo à força: finalmente, não é nada*;
- Loulé, *tem bom senso, é liberal, deseja a ordem, não lhe falta ambição, é preguiçoso, mas o seu maior defeito é ter-se ligado com os desordeiros, posto que eu esteja persuadido de que eles o não dominam*.
- Soure, *tem pouco saber e ainda menos talento, mas está dominado pelos homens de movimento rápido e desordenado*;
- Pestana *é honrado e ilustrado, mas não é homem de Estado*;
- Franzini *é uma boa criatura, honrado, desejando o bem, mas é o homem dos infinitamente pequenos e, como a sua consciência o não acusa de nada, vive em perfeita beatitude*; Jervis *é uma cabeça vazia, ou, se contem alguma coisa, é ar*
- Os oposicionistas, ainda dominados pelos Cabralistas, dizem-se *cartistas*.

Maçonaria não cabralista

- Em Maio de 1851, os restos da Maçonaria do Norte integram-se na Confederação Maçónica Portuguesa.
- Em 12 de Junho, o conde de Antas, Francisco Xavier da Silva Pereira, é eleito grão-mestre da Confederação Maçónica Portuguesa, sucedendo a João Gualberto Pina Cabral.
- Antas morre em 20 de Maio de 1852, sucedendo-lhe Loulé, substituído interinamente por Rodrigues Sampaio (1852-1853).

Centro eleitoral regenerador

- Começa logo em Junho de 1851 a criar-se um centro eleitoral de apoio à situação, tendo como secretário L. A. Rebelo da Silva. Outros nomes ligados ao processo são Garrett, Reis de Vasconcelos, Rodrigo da Fonseca e Lavradio.

☞ Para a direita ☞

Maçonaria cabralista

- Do grupo cabralista de José Bernardo, destaca-se um conjunto de lojas liderado por João Rebelo da Costa Cabral que cria um *Grande Capítulo Central da Maçonaria Lusitana* (Janeiro de 1851).

A procura do partido conservador

- Fala-se numa *comunhão cartista* e num *partido conservador* defensor da *Carta* e do *governo representativo*. Com António José de Ávila, Silva Carvalho, visconde de Laborim, visconde de Castelões, visconde de Castro, conde de Parati, marquês de Ponte de Lima e Mendes Leal (1820-1886), mas sem a liderança do conde de Tomar.
- Entretanto, começam as desinteligências quanto à liderança do grupo. Terceira, Fronteira e Algés assumem-se como *directores do partido cartista*.
- O conde de Tomar e Lopes Branco fazem circulares próprias.
- Ávila tenta reunir grupo que se independente da chamada *tripeça*.

Oposição cartista na Câmara dos Deputados

- Entre os deputados oposicionistas, António José de Ávila, Correia Caldeira, Lopes de Vasconcelos, Lobo de Moura e António da Cunha Sottomayor.

Oposição na Câmara dos Pares

- Na Câmara dos Pares, a oposição, marcadamente cabralista, conta com o duque da Terceira, o barão de Porto de Mós, Laborim, Granja e Algés.
- Se o antigo cabralista visconde de Castro se passa para o novo situacionismo regenerador, já José da Silva Carvalho, antigo aliado de Fontes e de Rodrigo, não alinha com os chamados cartistas.

Regeneradores históricos

- Também ditos *progressistas*. Querem assumir-se como um *grito nacional*. Incluem ex-cartistas anticabralistas, ex-ordeiros e ex-setembristas moderados que participam na patuleia. Também se dizem *regeneradores históricos*.
- Surgem em nome da Carta, contra o ministério cabralista e o *funesto sistema de patronato*. Obtêm 78%. Ainda não há uma viva separação entre os novos situacionistas e os setembristas moderados. Ambos se dizem ainda *progressistas*.

Conservadores

- Ditos *comunhão cartista* ou *partido conservador*. São comandados por João Rebelo da Costa Cabral, tendo como principal divulgador o Padre José Maria Lacerda.
- Logo em Junho de 1851, organizam um centro congregador de esforços.

●Até 26 de Junho têm o apoio activo de José Bernardo da Silva Cabral que diz passar para a oposição por causa do decreto eleitoral.

Ex-Cartistas

●Marcados pelo estilo de Rodrigo da Fonseca e de Fontes Pereira de Melo, que se distanciam de José da Silva Carvalho, que os acusa de *fazerem coro* com a Patuleia.

●Também apoia o situacionismo o ex-cabralista Visconde de Castro.

●Estão na base do decreto eleitoral de 26 de Julho de 1851, que altera o de 20 de Junho.

Ex-Ordeiros

●Representados no governo por Jervis de Atougua e Joaquim Filipe Soure. Têm o apoio de Alexandre Herculano.

Ex-Setembristas

●Representados no governo por Loulé e tendo como órgão *A Revolução de Setembro* que, em 16 de Setembro declara: *não há senão duas bandeiras – a dos cabrais e a do progresso. Tudo o que não é Cabral é bom, tudo o que é Cabral é mau..* Estão próximos da Confederação Maçónica Portuguesa: começam a distanciar-se da maioria governamental com a emissão do decreto eleitoral de 26 de Julho, que Herculano qualificou como *orgia da reacção*. Esta facção, herdeira do Partido Nacional de 1849, tem uma reunião em 15 de Setembro, com Loulé, Antas, Aguiar, Silva Sanches e Rodrigues Sampaio. Emitem em Lisboa um manifesto no dia 27 de Setembro.

Lunáticos

●Em 1864 funda-se no Pátio do Salema, o Clube dos Lunáticos com José Elias Garcia (1830-1891), Latino Coelho e Saraiva de Carvalho. Deste grupo surgem vários jornais e revistas, destacando-se em 1869 a *República Federal*, de Felizardo de Lima; em 1870, *A República. Jornal da Democracia Portuguesa*, onde colaboram Antero, Oliveira Martins, Eça, Luciano Cordeiro (1844-1900), Manuel Arriaga, Batalha Reis; a *Alvorada e Trabalho* de João Bonança; no Porto, a *Gazeta Democrática*, de Guilherme Braga.

●Em 1872, *A República Portuguesa* de Augusto Manuel Alves da Veiga (1850-1924), Magalhães de Lima, Almeida Ribeiro; no Porto, o *Diário da Tarde*.

●Em 12 de Fevereiro de 1873 dá-se a proclamação da República em Espanha.

Invocam a chefia do duque da Terceira.

●No Porto, em 28 de Setembro, têm uma reunião, visando *pugnar pela eleição de deputados* que se opusessem à *reforma ilegal da Carta*, contra os *exageradores da liberdade*. Assumem-se como o *partido moderado* contra a *funesta revolta de Abril*, considerada uma *desgraçada parcialidade*. Em Lisboa, reunião idêntica em 10 de Outubro, contra a *escola exaltada*, em nome da *liberdade com monarquia, ordem com carta, e reforma com a lei*. Em finais de Outubro, surge uma comissão central, presidida por Terceira, com Fronteira, Agostinho Albano da Silveira Pinto, António Correia Caldeira e Mendes Leal, já apoiados por José Bernardo da Silva Cabral.

●Cerca de 22% (34 deputados). São cartistas ainda ligados ao cabralismo como Lopes de Vasconcelos, Mendes Leal, Castelões, Paraty, António José de Ávila, Correia Caldeira e Lopes de Vasconcelos. Na Câmara dos Pares, estão pelos cabralistas, Terceira, barão de Porto Mós, Laborim, Granja e Algés. Silva Carvalho afasta-se da oposição, tal como o antigo cabralista Visconde de Castro.

Terceiristas

●A partir de 26 de Junho de 1851, o grupo de José Bernardo da Silva Cabral, com Monteiro e José Lourenço da Luz, através do jornal *O Estandarte*, passam de apoiantes dos chamados regeneradores a activos oposicionistas.

●Têm várias reuniões em casa do duque da Terceira, mobilizando Fronteira e António José de Ávila. Terceira considera que Lavradio e Rodrigo da Fonseca são o *setembrismo personificado*.

●Entre os deputados *cartistas* eleitos, António José de Ávila, Correia Caldeira, Lopes de Vasconcelos, Lobo de Moura, António da Cunha Sottomayor, Mendes Leal e Parati. Vários pares oposicionistas como Terceira, Algés e Granja.

●Também se assume como da oposição José da Silva Carvalho, que se diz líder do *partido cartista*, mas que discorda do modelo do Acto Adicional de 5 de Julho de 1852.

Legitimistas

●Em 10 de Julho, há uma reunião de cerca de seis centenas de miguelistas no palácio do conde-barão do Alvito. Deliberam que não concorrem às eleições nem integram outras listas, apesar de já se manifestar uma facção *urneira*, liderada por Tomé Rodrigues Cabral, defensora de *um partido activo e militante, quer vença quer seja vencido*. Reunião idêntica ocorre no Porto no dia 15 de Agosto. O jornal *A Nação* ataca ferozmente o que designa por *pastelaria regeneradora*.

●**A Regeneração** – Em 1851, com a *Regeneração*, encerrado o período de sangrentas *lutas caseiras*, entra em cena um liberalismo centrista e nacionalizado, herdeiro *conservador* de um romantismo que fora *revolucionário*. Contudo, o inspirador *doutrinário* do movimento, Alexandre

Herculano, em cuja residência se delinear e esquematizara a conspiração de Saldanha, acaba por não o conformar e a ideologia, como *criatura* que se liberta do *criador*, até o remete para o exílio interno de Vale de Lobos.

- A Regeneração talvez não passe de uma simples conciliação de sinais contrários, onde emerge, como consequência e motor, o maçom e engenheiro militar Fontes Pereira de Melo, um caso acabado de *céptico* político que trata de conjugar o progresso em termos de *melhoramentos materiais*, onde as estradas e o comboio surgem, mas onde também se agrava uma dominância *banco-burocrática*, assente no indiferentismo popular, bem como uma ilusão de crescimento dependente da engenharia financeira.

- É neste ambiente de lassidão moral que se implanta um capitalismo dependente do empréstimo estrangeiro, gerando-se uma mentalidade oficial plutocrática marcada pelo utilitarismo. O melhoramento material parece ser a única alternativa a esta decadência. Ao menos, a estrada de *macadame*, a *malaposta*, o *tramway* e o fontanário, esses sinais da política prática, servem para justificar o abandono das utopias doutrinárias. E os *patuleias*, depois de uma passagem pelo republicanismo de *orçamento* ou *lunático*, voltam-se em *progressistas* à maneira de José Luciano.

- Também os cartistas, de soldados do Pampelido e do cerco do Porto, transformam-se em *ordeiros* e chamam *irracionais* aos que continuam aquecidos pela *doutrina*. Do mesmo modo, os miguelistas perdem romantismo e heroísmo e passam ao beatério *apostólico* e *congreganista*. O romantismo fica para os bandoleiros. Desde os miguelistas à maneira do Remexido, aos setembristas, tipo *Zé do Telhado*. Apenas se persiste na guerrilha através do verbalismo literário irónico das *farpas* lançadas *contra que está*, transformando-nos, por vezes, em messiânicos da propaganda. Todos passamos a ter um pouco de Guerra Junqueiro (1850-1923), pisando os terrenos da blasfémia, até nos transfigurarmos em utopistas quase *santos*, como o *socialista* Antero. E alguns, procurando o *cosmos*, acabam por redescobrir D. Sebastião por entre as brumas do Norte, importando filosofias dos sistemas fechados do idealismo alemão.

- O cabralismo, que resiste à Maria da Fonte e à Patuleia, se não cai de podre, por falta de energia da equipa dirigente, será morto através do mesmo tipo de ferro com que se iniciara, quando o seu principal esteio militar, decide elevar o grito de *abaixo o ministério* e aceitar o apoio dos velhos opositores setembristas, constituindo um regime híbrido, palaciano, que, retomando o nome sagrado do vintismo, consegue estabelecer um armistício entre as famílias liberais desavindas.

- A **forma do poder** é dada pela Carta Constitucional remodelada pelo Acto Adicional de 5 de Julho de 1852, que a transforma numa espécie de Constituição de 1838, num *campo neutro*, sem ideologismos, com meia dúzia de regras do jogo, por todos aceites. Destaque também para a abolição dos morgados em 19 de Maio de 1863 e para reforma eleitoral de 1869. A **imagem** é dominada pela ideia de *melhoramentos materiais* e pelo conseguido armistício constitucional, insistindo-se na defesa da estabilidade política.

- A **sede do poder** reside, sobretudo, no protagonismo do governo, com destaque para os ministros da fazenda e do reino. Continua, no entanto, a ter grande influência a maçonaria.

- Alguns **factos** vão marcar a época, nomeadamente a morte de D. Maria II, a regência de D. Fernando e a morte de D. Pedro V, a quem sucede o irmão, D. Luís I.

- Quanto às **forças armadas**, elas são dominadas pelo modelo e pela linha hierárquica desencadeadas por Sá da Bandeira e até acabam os pronunciamentos militares, pelo menos até à revolta da Maria Bernarda de Setembro de 1862.

- Surgem, entretanto os **tumultos**, como a revolta dos abastecimentos em Lisboa de 8 de Agosto de 1856, os acontecimentos do Natal de 1861, os incidentes no Minho no dia 1 de Maio de 1862, a contestação do reitor da Universidade de Coimbra em Dezembro de 1862, os protestos contra a reorganização do exército em Dezembro de 1863 e a revolta estudantil em Coimbra entre Abril e Maio de 1864.

- Há quatro governos de 1851 a 1865, numa sucessão entre a nova direita situacionista, dita *regeneradora*, (2341 dias) e a eterna confusão da esquerda moderada, dita *histórica* (2763 dias).

- As duas interpretações da *regeneração* concordam em aspectos essenciais, desde os **melhoramentos materiais** ao suave anti-congreganismo, com a direita a apostar mais na primeira alternativa e a esquerda a cair na tentação anti-clerical. Em 1858 já quase todos se tinham esquecido do cabralismo. No governo histórico tinham entrado os antigos cabralistas António José de Ávila e Carlos Bento da Silva e nas eleições de Maio de 1858, os regeneradores dão corpo a uma coligação com cabralistas e miguelistas. Em 1859 já chefia o governo o antigo chefe do governo do cabralismo, apoiado pelo último chefe do governo, já cartista, do regime da Constituição de 1838, assumindo-se a liderança efectiva de Fontes Pereira de Melo. A esquerda vive entre Loulé e Sá da Bandeira. De um lado, o anti-clericalismo de Ferrer e Herculano, do outro o sonho africano de Sá da Bandeira.